

CRÍTICA DE ADORNO À *PRIMA PHILOSOPHIA* E AO PENSAR A PARTIR DE UM FUNDAMENTO

ADORNO'S CRITIQUE OF *PRIMA PHILOSOPHIA* AND THE THINKING FROM THE BASIS OF A FOUNDATION

Lucas Azevedo Maksud¹

Resumo: O presente artigo examina a crítica de Theodor W. Adorno à *prima philosophia*, centrando-se nas obras *Dialética Negativa* (1966) e “*Metacrítica*” (*Para a metacrítica da teoria do conhecimento*, 1956). A *prima philosophia*, conceito definido em Aristóteles como a ciência do ser enquanto ser, refere-se em Adorno a qualquer pensamento que eleva um conceito ao estatuto ontológico de princípio primeiro, seja ele natureza ou história. Adorno argumenta que nessa abordagem filosófica se negligencia necessariamente a mediação conceitual, resultando em abstrações conceituais que carecem da mediação na qual elas estão localizadas, seja pela ausência de um polo conceitual ou de outro – do sujeito ou do objeto, nos termos mais habituais. Assim, Adorno identifica a separação entre sujeito e objeto como uma forma de ideologia, em que a fixação de qualquer princípio sem mediação gera antinomias inevitáveis com que essas filosofias mais cedo ou mais tarde terão que lidar. A crítica de Adorno desmantela a lógica de identidade presente nas filosofias primeiras, que uniformiza progressivamente a experiência e suprime as particularidades. Revelam-se as contradições internas dos sistemas que tentam suprimir a materialidade para afirmar sua independência na autarquia do sujeito, isto é, em uma filosofia cuja característica é o primado do conceito, seja ele qual for. Então, contra isso, Adorno propõe em sua “dialética negativa” uma filosofia que não busque a identidade entre pensamento e objeto, mas sim a não-identidade, sob o primado do objeto. Sua filosofia é caracterizada pela “lógica da desagregação”, desmontando as pretensões ontológicas dos conceitos e os sistemas filosóficos em torno deles.

Palavras-chave: *Prima philosophia*. Ontologia. Fundamento. Dialética Negativa.

Abstract: This article examines Theodor W. Adorno's critique of *prima philosophia*, focusing on his works *Negative Dialectics* (1966) and *Against Epistemology: A Metacritique* (1956). *Prima philosophia*, a concept defined in Aristotle as the science of being as being, refers in Adorno to any thought that elevates a concept to the ontological status of a first principle, be it nature or history. Adorno argues that this philosophical approach necessarily neglects mediation, resulting in conceptual abstractions that lack the mediation of either pole - the subject or the object, in the most usual terms. Thus, Adorno identifies the separation between subject and object as a form of ideology, where the fixation of any principle without mediation generates inevitable antinomies that these philosophies will eventually have to deal with. Adorno's critique dismantles the logic of identity present in first

¹ Doutorando em Filosofia na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

philosophies, which progressively standardizes experience and suppresses particularities. It reveals the internal contradictions of systems that try to suppress materiality to assert their independence in the autarky of the subject, that is, in a philosophy whose characteristic is the primacy of the concept, whatever it may be. Against this, Adorno proposes in his "negative dialectics" a philosophy that does not seek identity between thought and object, but rather non-identity, under the primacy of the object. His philosophy is characterized by the "logic of disaggregation", dismantling the ontological pretensions of concepts and the philosophical systems around them.

Keywords: *Prima philosophia*; Ontology; Foundation; Negative Dialectics.

Este artigo busca demonstrar como a *prima philosophia* é abordada e como ela tem sua centralidade na economia das obras de Adorno. O recorte temático proposto abarcará mais detidamente a *Dialética Negativa* e a *Metacrítica (Para a metacrítica da teoria do conhecimento)*. Esta última tratando amplamente do conceito de *prima philosophia* e sendo uma importante ponte entre os pensamentos de juventude e de maturidade do autor². O motivo disso é a datação da obra, por mais que ela só tenha sido escrita posteriormente, os problemas em questão remontam à pesquisa do autor ainda enquanto um estudante, nos anos de 1920. Essas questões, que foram mais tarde refinadas na *Dialética Negativa*, a exemplo da crítica às filosofias primeiras, fazem transparecer um Adorno de certa forma desconhecido (*Ibidem*, p. 15). Uma vez que se atribui a esse pensador majoritariamente as temáticas sociológicas e estéticas, especialmente no que se refere à indústria cultural, a baixa recepção das obras supracitadas resulta em uma atenuação do caráter antinômico crucial de sua filosofia (*Ibidem*).

Assim, ao começar a definir a *prima philosophia* tem-se, segundo nota de rodapé presente na *Dialética Negativa*, que ela designaria o que entendemos pela “expressão cunhada inicialmente por Aristóteles para designar a ciência do ser enquanto ser” (2009, p. 20). Em um primeiro momento, é possível reter que a sutileza do argumento de Adorno estará no fato de que constitui uma variante de *prima philosophia* qualquer pensamento que erga a estatuto ontológico de princípio primeiro qualquer conceito, seja ele, por exemplo, natureza ou história. Isto posto, tem-se que a estrutura lógica dessa filosofia segue a ideia de que tudo deve emergir sistematicamente de um princípio, até que se esgote o real, tornando-se a interpretação unívoca e total da realidade; e, novamente, não importa se esse princípio é chamado de ser ou de pensamento, sujeito ou objeto, essência ou facticidade (ADORNO, 2015, p. 38)³.

² Conforme apresentação à edição brasileira da *Metacrítica* (2007, p. 19-21).

A contenda em torno de qual será o princípio preferido já, de saída, negligencia a questão sobre o princípio enquanto tal, i.e., a disputa acerca de um começo dialético ou ontológico (*Ibidem*). Então, feita essa opção irrefletida por um elemento primeiro ontológico, busca-se sempre que este se desvencilhe de suas mediações, a fim de que ele se torne imediato e subsistente. Todavia, essa tarefa se mostra irrealizável, pois o princípio, uma vez que não deve ser arbitrário, é, em sua universalidade, uma abstração. Por isso, na medida em que se abstrai, não mais sendo um ente particular e independente, constata-se que o *primeiro* é sempre um conceito e, por sua vez, mediado.

Com efeito, nota-se que acompanhados da *prima philosophia*, estão sempre seus inerentes dualismos, visto que, onde quer que se postule algo como o fundamento, estará hipostasiado um dos polos – objetivo ou subjetivo, por exemplo – como conceitos imediatos, quando, de fato, eles não são rigorosamente separados, mas sim mediados reciprocamente. No epilegômeno do livro *Palavras e Sinais* (ADORNO, 1995, p. 183), intitulado “Sobre sujeito e objeto”, Adorno considera ideologia a separação entre sujeito e objeto, dado que eles são codependentes. Nesse epilegômeno, essa separação é considerada ideologia em sua forma mais habitual, qual seja, a fixação de algo sem nenhuma mediação⁴. Assim, o dualismo desintegra-se devido a cada polo ser determinado enquanto momento de seu próprio oposto (DN⁵, p. 92) e o desfecho desse argumento levará, então, ao retorno da dialética, a princípio relegada.

Por essas razões é que se busca recuperar a relevância do aspecto antinômico no pensamento do autor. É característico do pensamento de Adorno essa interpretação das filosofias visando expor suas antinomias, o que foi chamado de “seguir as lógicas das aporias” ou, mais comumente, de crítica imanente (ROSE, 1978, p. 54). Diante disso, podem-se destacar dois pontos. O primeiro é que a saída para as inevitáveis antinomias de se considerar somente a teoria, pura e simples, viria ao mostrar o que escapa de seu caráter total, apontando para o que nela não é teoria, isto é, incluindo uma referência à sociedade. Já o segundo é que essa dialética vale também para análises sociais, não se limitando à teoria apenas no sentido estrito de construtos filosóficos tradicionais. Na análise do capitalismo, por exemplo, um

³ Logo no início de “A doutrina do ser”, na *Ciência da Lógica*, Hegel define o princípio de forma análoga: “O princípio é um *conteúdo* determinado de qualquer modo: a água, o uno, o *nous*, a ideia – a substância, a mônada etc.; ou quando se relaciona à natureza do conhecer e, portanto, deve ser antes apenas um critério do que uma determinação objetiva – pensar, intuir, sentir, Eu, a própria subjetividade –, então, aqui, o interesse igualmente se dirige para a determinação do conteúdo” (2016, p. 69).

⁴ Contudo, se por esse lado a separação se mostra falsa, por outro ela se mostra verdadeira como correto diagnóstico da separação real, que surgiu na sociedade pelo uso da força.

⁵ Abreviatura para *Dialética Negativa* (2009).

aspecto importante é criticá-lo não de um ponto de vista externo, mas sim mostrando se ele cumpre ou não as promessas que faz.

Dessa maneira, a teoria crítica adorniana procura “transcender estritamente a separação oficial da filosofia pura e o domínio científico substantivo ou formal...”, e produzir uma teoria que reunisse preocupações filosóficas e sociológicas⁶. Isso se dá sem que sua teoria seja a única ausente de contradições; ela ainda permaneceria envolta em sua impossibilidade, como mostrou Gillian Rose, já que a intenção é que nela sejam refletidas as contradições que estão, em verdade, no real. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que ela se torna autocontraditória se, como pura filosofia, não faz nenhuma menção à práxis, ela também não pode obter, como uma forma de práxis, nenhum valor de verdade em seu sentido tradicional – ela não é, *stricto sensu*, uma filosofia, caso contrário se apresentaria contraditoriamente.

É nesse ponto que a formulação de uma crítica levada a suas últimas consequências deve envolver a quebra da continuidade e completude das filosofias primeiras, nas quais não se admite nada de novo e elimina-se tudo que não coaduna consigo (ADORNO, 2015, p. 43). Mesmo que elas tentem tornar o que é antagônico novamente unidade, reificando-o para caber em um conceito, há nelas invariavelmente esse elemento de imutabilidade e pureza que escamoteia a real dimensão do que necessariamente escapa a seu domínio. Destarte, “toda a concepção de filosofia que prevalece no Ocidente desde Aristóteles – e, de fato, isso vale não apenas para as tradições idealistas, mas também para as empiristas – é a da ‘primeira filosofia’ ou da *πρώτη φιλοσοφία* [prōtē philosophia]”⁷.

Entende-se que aí está a relevância de trazer como central a categoria de *prima philosophia*. Conquanto a mera refutação de um fundacionismo filosófico seja tema bastante costumeiro e trivial ao menos desde a modernidade, Adorno a amplia para servir como trunfo de seu empreendimento filosófico de realocar o lugar da filosofia. Se na *Dialética Negativa* ele cita tanto os idealistas quanto os empiristas estando no âmbito das filosofias primeiras, pode-se acrescentar, sem erro de incompatibilidade com o pensamento adorniano, todas as correntes dialéticas, antissistemáticas e críticas que se multiplicam na contemporaneidade.

⁶ *Ibidem*, p. 52-53. Ou, segundo Schweppenhäuser: “O pensamento crítico, nesse sentido, visa apreender o envolvimento entrelaçado da razão nos processos gerais de auto-reprodução social. Como na concepção de crítica de Marx, o método e o conteúdo do pensamento crítico estão entrelaçados. O objetivo da teoria crítica é mudar a totalidade social. Para esse fim, seu padrão normativo é o seu ‘interesse na revogação de injustiças sociais’. Nesse contexto, também, a crítica reflete sobre si mesma. Como parte do processo, ela deriva suas normas da situação em análise” (2009, p. 17, tradução nossa).

⁷ Citação retirada do curso “*An introduction to dialectics*” ministrado por Adorno em 1958 (ADORNO, 2017, p. 16).

Contra uma interpretação que coloque a filosofia de Adorno em uma continuidade e uma por demasiada proximidade com as filosofias dialéticas, marca-se aqui sobretudo a ruptura, via crítica das filosofias primeiras, com toda a tradição filosófica anterior ao autor. Ela ainda é insuficiente para pensar a radicalidade do novo e do que é não-idêntico, mesmo que tente trazer para si a multiplicidade e a diferença como seus termos-chave, ao invés da identidade.

Em verdade, segundo Adorno, a instauração de um pensar que não seja a repetição do mesmo, do absolutamente primeiro e que possa finalmente romper com essa lógica ainda não ocorreu. É perceptível nesse trecho que a crítica à estrutura filosófica predominante na cultura ocidental abarcará tradições que sabidamente se constituíram contra a ideia de um princípio. Seja em filosofias que se pretendem críticas da metafísica ou seja em filosofias que destacam o aspecto dialético do ser, Adorno procederá indicando como a hipóstase de conceitos imediatos que garantem a totalidade e a coerência interna das filosofias persiste. Isso ocorreria a despeito de essa hipóstase já estar de frente a crescentes ameaças trazidas pelas filosofias que se pretendem críticas.

Contudo, adentrando as dificuldades de se inteirar das nuances dessa crítica, almeja-se, para prosseguir a exposição do tema, realizar uma pequena *constelação* de termos ao redor do conceito de *prima philosophia*. Isso se dará, diante do fato de que a interpretação adorniana do conceito de constelação, determinante na literatura secundária para autores como Neves Silva, será descrito como “uma sempre provisória ordenação conceitual do sem-conceito” (NEVES SILVA, 2006, p. 73). É por meio da categoria de constelação que o empreendimento adorniano de crítica ao pensamento totalizante se dará.

Desse modo cabe mostrar as reverberações da *prima philosophia* nas discussões, que incluem o debate sobre a filosofia da identidade, o método e os sistemas filosóficos e, por fim, a formação de uma dialética negativa. Sem, porém, que essa mobilização de temas e ordenações conceituais, na tentativa de definição do objeto em análise – as filosofias primeiras e sua crítica por parte de Adorno –, deixe de fazer transparecer o todo da teoria, o que significará tornar claro esse elemento de provisoriedade das constelações. Em outras palavras, parafraseando Neves Silva⁸, seria tornar claro o princípio de composição da obra, ao se pensar a teoria a partir da mútua negação entre momento e sistema; a dialética entre parte e todo.

⁸ *Ibidem*, p. 32. Ainda segundo Neves Silva: “estudar Adorno é menos estudar um sistema do que estudar a negação determinada que move seus momentos [...] Em síntese, interpretar Adorno é sempre e necessariamente acompanhar os momentos de uma composição. Ou, se quisermos, recompor” (*Ibidem*, p. 109).

A começar então pela noção de identidade, tem-se um termo decisivo para o pensamento de Adorno e que desempenha relevante papel na crítica das filosofias primeiras e de seu caráter totalizante. Uma vez reconhecido que o elemento “primeiro” é sempre um conceito, a filosofia, até então, viu-se na necessidade de se ater à identidade desse conceito primordial. Trata-se da postulação da identidade, em que se assume um conceito, seja ele qual for, como idêntico e, portanto, subsistente. Na Parte II “Dialética negativa: conceito e categorias” da *Dialética Negativa*, a formulação dessa questão aparece da seguinte maneira:

A filosofia fundamental, πρώτη φιλοσοφία implica necessariamente o primado do conceito; aquilo que se lhe recusa também abandona a forma de um filosofar pretensamente a partir do fundamento. A filosofia pôde aplacar-se no pensamento da apercepção transcendental ou ainda no ser, enquanto esses conceitos permaneceram para ela idênticos ao pensamento que ela pensa. Se rejeitamos de maneira principal uma tal identidade, então ela arrasta para o interior de sua queda a quietude do conceito enquanto algo derradeiro. Na medida em que o caráter fundamental de todo conceito universal se dissolve ante o ente determinado, a filosofia não tem mais o direito de esperar pela totalidade (DN, p. 120).

O primado do conceito que se pôde derivar da *prima philosophia* exige que o fundamento permaneça idêntico, uniformizando a experiência e solapando as particularidades de cada ente. Seguir essa lógica, a lógica da identidade, é seguir: “uma razão que planeja, controla, objetifica, sistematiza e unifica – em suma, é uma razão ‘totalizante’. Seus símbolos característicos são a dedução matemática, as formas geométricas básicas, o sistema fechado [...]”⁹. De tal sorte que se imprime uma regularidade e uma continuidade no que há para ser pensado, o objeto, antes mesmo de o considerar, em sua concretude.

Como antecipado na passagem da *Dialética Negativa*, se se rejeita inicialmente a postulação da identidade, esvai-se junto a esperança de conservação de um sistema filosófico acabado e que dê conta de tudo – cujo funcionamento decorre das demonstrações dedutivas¹⁰, sempre a partir do que se fixa como princípio idêntico. Abre-se, então, a discussão para dois outros termos em volta das filosofias primeiras, qual seja, a própria ideia de sistema, além da inquirição a

⁹ WELLMER, 1991, p. 68-69, tradução nossa [grifo do autor].

¹⁰ Com o acréscimo de que: “Se, por outro lado, procedermos indutivamente e em vez de derivar tudo de um princípio mais elevado, tentarmos avançar do particular ao universal, então, de acordo com a tradicional doutrina lógica, não poderemos nunca estar completamente certos do assunto em questão” (ADORNO, 2017, p. 26, tradução nossa).

respeito do método, este que se imputa à coisa nessas filosofias, a fim de que se tenha uma esquematização fechada do todo.

Destaca-se, em seguida, que a filosofia primeira inaugura a concepção de verdade como método. Contudo, verifica-se que a ambição de uma filosofia ausente de contradições carrega em si uma contradição originária (ADORNO, 2015, p. 47). O *telos* do conhecimento metódico sendo a identidade com a coisa faz o sujeito, nesse caso representado pelo método, autopromover-se, substituindo a coisa por si mesmo. Ao colocar o objeto sob seu jugo, o sujeito torna-se autárquico – não por outro motivo que o de desconsiderar sua mediação, o objeto.

Logo, a contradição que rompe a estrutura do conhecimento metódico é justamente a de estar fechada em si mesma, ignorando que ela é devedora e não apartada de seu polo oposto. Seus traços de arbitrariedade e de algo posto exteriormente à coisa rapidamente dão voz a sua inverdade, a inverdade do fundamento. Confira-se:

O primeiro precisa se tornar cada vez mais abstrato para a filosofia da origem. No entanto, quanto mais abstrato ele se torna, tanto menos ele explica, tanto menos ele se mostra apropriado para a fundamentação. Para ser consistente, o primeiro aproxima-se imediatamente do juízo analítico no qual ele quer transformar o mundo; aproxima-se da tautologia. E, por fim, não diz absolutamente nada. A ideia do “primeiro” consome a si mesma em seu desdobramento, e é esta sua verdade, que não teria como ser conquistada sem a filosofia do “primeiro” (ADORNO, 2015, p. 48).

Decerto, o fundamento necessita cada vez mais se distanciar do objeto, abstraindo até exaurir a si mesmo e por isso acaba tornando contingente o método a ser seguido para que se instaure um sistema filosófico. Consequentemente, livre de um elemento primeiro, o sistema e a totalidade que supostamente ele abarcaria se mostram como o que não pode mais se sustentar mediante a dialética. Em uma segunda passagem, constata-se novamente essa contradição em que, já em seu ponto de partida, os sistemas estão envoltos. Veja-se:

O sistema era uma tal ordem gerada de maneira racional e insensata: algo posicionado que se apresenta como algo em si. Ele precisou transpor a sua origem para o interior do pensamento formal, cindido de seu conteúdo; ele não podia exercer de outro modo o seu domínio sobre o material. O sistema filosófico foi desde o início antinômico. Nele, o ponto de partida fundiu-se com a sua própria impossibilidade; no início da história dos sistemas modernos, justamente essa impossibilidade condenou cada um deles a ser aniquilado pelo seguinte (DN, p. 27).

O constructo filosófico que se extirpa de toda materialidade encontra-se sob essa contradição inescapável de ter reprimido completamente a coisa para reivindicar sua independência diante desta. Todavia, exposta essa crítica, Adorno ainda tem que se haver com uma tradição que busca, via pensamento das contradições, estabelecer alguma positividade. Pontualmente, interessa a renúncia à permanência do sistema e do método em filósofos como Hegel. Isso implica a elaboração e explanação do quarto conceito elencado que gira em torno das filosofias primeiras, desta vez já visando sua superação: na noção de “dialética negativa”.

Adorno pontua que mesmo no ponto mais alto da doutrina hegeliana do saber absoluto, a *prima philosophia* ainda ergue a pretensão de soberania, considerando “a filosofia, ela mesma, o verdadeiro Ser”¹¹. A dialética, que viria, como Hegel almejava, para romper com a cisão entre forma e conteúdo, não deve ser tomada mais uma vez como princípio, de modo que se abre caminho para contestar que haveria, agora, algo do qual se poderia dar o nome de “*prima dialectica*”. Com isso, a dialética deixaria de ser lida como um método unívoco de interpretação da coisa, refletindo seu movimento de maneira crítica e conduzindo-o para fora de si (DN, p. 124-127). Seu movimento não tenderia mais para a identidade, a dinâmica que leva o conceito a se confrontar com o seu polo oposto não se dá no sentido de nenhuma sistematização, como se havia em Hegel.

O cuidado e a nuance nessa mudança de paradigma para a dialética é para que não se dê margem para críticas como a de Susan Buck-Morss (1979, p. 189) de que Adorno está tornando sistema logo o princípio de desmontagem de sistemas, o antissistema; ou a crítica de Habermas (2000) segundo a qual a noção de crítica em Adorno seria introduzida de maneira *ad hoc* e por isso seria tão arbitrária quanto a suposição de um conceito primeiro qualquer. Porém, entende-se neste artigo que disso não se conclui que a dialética negativa é diametralmente oposta às fundações, ela não “flutua no vazio” (cf. Habermas, 2000, p. 183) em um ceticismo desmedido e sem direcionamento por ser antissistemática. Ela tampouco seria introduzida fortuitamente, trata-se tão-somente da crítica imanente segundo a qual o conceito é utilizado para pensar o que está para além de si, sem que com isso se torne à pura negatividade ou à paralização em um *dead-end*¹².

Em uma tal dialética negativa não se coincidiria pensamento e coisa, sendo a não-identidade o marco de sua filosofia. Ou, conforme um dos primeiros conceitos elaborados por

¹¹ ADORNO, 2015, p. 50. A título de exemplo, pode-se citar os estágios da *Fenomenologia do Espírito* de Hegel, que, ao contrário do que se poderia pensar, não representam a estrutura do Ser ou o automovimento do conceito como queria este filósofo, mas referem-se a estágios da própria sociedade antagonica (ADORNO, 2015, p. 34).

¹² Termo de Buck-Morss que se traduz neste artigo como beco sem saída.

Adorno, sua filosofia seria marcada por essa lógica da desagregação (*Logik des Zerfalls*), o que, finalmente, daria inteligibilidade ao seu empreendimento da dialética negativa como um antissistema. Nessa linha de raciocínio:

...a filosofia é essencialmente não-relatável. De outra forma, ela seria supérflua; o fato de ela se deixar na maioria das vezes relatar fala contra ela. Mas um modo de comportamento que não garante nada de primeiro e seguro, e, no entanto, já em virtude da determinação de sua exposição, não faz nenhuma concessão ao relativismo, ao irmão do absolutismo, de maneira que se aproxima da doutrina, provoca irritação. Ele impele, até a ruptura, para além de Hegel, cuja dialética queria ter tudo e ser mesmo *prima philosophia*, e que, no princípio de identidade, no sujeito absoluto, realmente o era. Não obstante, desvinculando-se do elemento primeiro e fixo, o pensamento não se absolutiza enquanto algo que paira livremente. Justo a desvinculação o fixa naquilo que ele mesmo não é e afasta a ilusão de sua autarquia (DN, p. 36-37).

Isso significa que a visada por destituir o elemento primeiro de sua fixação abre essa dimensão do indizível. Resultado disso é precisamente o pensar para além do sujeito – e, por extensão, para além do método, ou mesmo, para além justamente do pensamento –, que se lança em um “zelo paranoico” (DN, p. 27), extinguindo tudo o que não for idêntico a si, ou seja, tudo o que não for pensamento. Nesse momento em que a filosofia primeira “perde seu chão” é que ela se encontra com o que nela é diferente de si. Afinal, é esse o sentido do pensamento para Adorno, o pensar é sempre o pensar algo, pensar o objeto. Esse pensamento de conteúdos é o que a dialética negativa almeja, em oposição à *ratio* que se torna *irrational* na medida em que, postulando uma identidade, uma de suas abstrações, aponta para o próprio pensamento (DN, p. 37).

Em suma, conclui-se que na crítica à *prima philosophia* e na elaboração de uma dialética negativa Adorno elucidou que “reunir o igual significa necessariamente distingui-lo do desigual” (DN, p. 44). Desse modo, torna-se central considerar também, dentre a identidade e os fundamentos supostos por essas filosofias, o momento de desigualdade, qual seja, o momento de não-identidade. Além disso, destacou-se a posição adorniana da grande maioria dos demais filósofos contemporâneos por sua postura diante desse impasse da identidade. A tentativa de se abrir o não-idêntico conceitualmente impôs uma crítica imanente que expõe igualmente a derradeira fidelidade de Adorno à filosofia: a dimensão do indizível é aberta pela própria identidade e seus conceitos.

Referências:

ADORNO, Theodor W. *An introduction to dialectics* (1958). Tradução de Nicholas Walker. Malden, MA: Polity Press, 2017.

_____. *Dialética Negativa*. Tradução de Marco Antonio Casanova. Revisão técnica de Eduardo Soares Neves Silva. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

_____. *Palavras e Sinais: modelos críticos 2*. Tradução de Maria Helena Ruschel. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. Theodor W. *Para a metacrítica da teoria do conhecimento: estudos sobre Husserl e as antinomias fenomenológicas*. Tradução de Marco Antonio Casanova. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

BUCK-MORSS, Susan. *The origin of negative dialectics: Theodor W. Adorno, Walter Benjamin and the Frankfurt Institute*. Nova York: The Free Press, 1979.

HABERMAS, Jürgen. *O discurso filosófico da modernidade*. Tradução de Luiz Sérgio Repa. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HEGEL, G. W. F. *On the Relationship of Skepticism to Philosophy: Exposition of its Different Modifications and Comparison of the Latest Form with the Ancient One*. Tradução e notas de H.S. Harris. In: *Between Kant and Hegel: Texts in Development of Post-Kantian Idealism*. Cambridge: Hackett Publishing Company, 2000.

NEVES SILVA, E. S. *Filosofia e Arte em Theodor W. Adorno: a categoria de constelação* (tese doutorado). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

ROSE, Gillian. *The Melancholy Science: an Introduction to the Thought of Theodor W. Adorno*. Londres: Macmillan, 1978.

SCHWEPPEHÄUSER, Gerhard. *Theodor W. Adorno: an introduction*. Tradução de James Rolleston. Londres: Duke University Press, 2009.

WELLMER, Albrecht. *The Persistence of Modernity: essays on aesthetics, ethics and postmodernism*. Tradução de David Midgley. Cambridge: Polity Press, 1991.

Data de submissão: 21/04/2024

Data de aprovação: 03/11/2024.